

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

data

11 / 09 / 96

cod.

PKDppp65

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIOS
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BELÉM

RELATÓRIO DE OCORRÊNCIA

1. ANTECEDENTES

Através da Portaria Nº 0324 de 06/04/93, fui designado para assumir a Chefia do Posto Indígena Canindé, chegando de fato na área em 10.05.93.

Deparei-me então com uma situação de conflito latente, onde os índios Tembé, Timbira e Kaapor demonstravam um justo descontentamento ante a grave realidade em que vivem no seu dia a dia.

Desde 88 a Área Indígena Alto Turiaçú vem sendo sistemática e criminosamente invadida por posseiros e madeireiros, apesar de contarmos com uma liminar expedida em 91 visando a desintrusão da mesma e apesar de várias missões anteriormente realizadas, de fato o quadro não havia se alterado. Muito pelo contrário, o não cumprimento efetivo da Liminar acabou por fortalecer a posição dos mentores da invasão que a cada dia ousavam mais.

Visitei todas as aldeias jurisdicionadas ao PIN podendo verificar "in loco" as frequentes denúncias dos índios, os invasores encontravam-se tão próximos as aldeias que durante o dia ouviamos nitidamente o barulho de motoserras e tratores. A caça, de vital importância para a sobrevivência do grupo, tornava-se impraticável, não só pelo constante movimento na mata, como pelo estado de temor em que viviam os índios em relação aos invasores.

Vários foram os relatos de frequentes ameaças de morte contra os índios, sendo comum na região cruzar-se com pistoleiros fortemente armados.

Cansados de virem a Belém ou São Luiz para cobrar providências das autoridades os Tembé, Kaapor e Timbira, começaram a reunir-se para discutirem e buscarem uma solução para o problema.

Vale lembrar que antes de minha chegada no PIN já haviam os índios decidido por conta própria realizar uma missão no Coaraci-Paraná visando paralisar as invasões e plantio de maconha. A missão deu um saldo positivo pois conseguiram afastar mesmo que temporariamente alguns invasores e apreenderam na época 500 gramas de maconha.

Em abril, quando estiveram em Belém novas denúncias foram feitas e já naquela ocasião os índios deixaram claro que não pretendiam ficar esperando eternamente providências para desintrusar a área, as ponderações por parte da FUNAI, Polícia Federal e IBAMA eram as mesmas: " Não existe recursos", " A justiça é lenta " e outros chavões .

Qualquer explicação entretanto fugia e foge ao entendimento dos índios, pois no campo vivem uma realidade bastante diferente, a fome, o medo, a insegurança, a certeza de que suas opções eram poucas, no caso, só duas

1. Acomodar-se e em breve tempo verem suas aldeias invadidas.

2. De alguma forma lutar para evitar que tal acontecesse.

Enquanto servidor público e indigenista tal dilema não me atingiu pois entendo que sou remunerado para :

1. Assessorar os índios em assuntos de seu interesse.

2. Resguardar da melhor forma possível as terras indígenas, patrimônio da União.

Partindo deste entendimento, procurei desenvolver minhas atividades de campo, realizando reuniões com a comunidade onde procurávamos buscar alguma saída. Aparecia como alternativa mais viável e não violenta intensificar as denúncias sobre o que estava ocorrendo na área, buscar ajuda diretamente em Brasília, solicitar da Justiça uma maior agilização na concretização da liminar etc...

Entretanto, fatores externos, que fugiram totalmente ao meu controle vieram a precipitar os fatos.

2. CAUSA IMEDIATA.

No dia 20.08.93, dois índios Kaapor foram para a mata tentar caçar alguma coisa e foram surpreendidos por invasores que lhes tomaram as armas, dizendo-lhes que aquela terra era deles. Os índios foram mantidos por 24 horas em cárcere privado e sofreram forte pressão psicológica, posteriormente foram libertados sob a ameaça de que, caso voltassem seriam mortos.

A notícia do acontecido espalhou-se por todas as aldeias, os caciques fizeram uma reunião de emergência e decidiram que era hora de dar um basta a situação. Depois da reunião foram ao Posto me comunicar da decisão tomada. Proibiram-me de oficializar os fatos a FUNAI via rádio, pois temiam que houvesse vazamento de informação. Mesmo assim consegui fazer um Memorando e enviar por uma índia que saiu de avião da área para conhecimento do Administrador em Belém.

Os índios deixaram claro também que eu deveria acompanhá-los e mesmo que não houvesse este apelo eu o faria, pois entendo que além de ser minha obrigação seria a única forma de se evitar um massacre da população não índia.

3. A AÇÃO DOS ÍNDIOS NA ÁREA

No dia 25.08.93 começaram a se deslocar na região passando em todas as aldeias e arregimentando um número impressionante de índios. Naquele momento percebi que havia tomado a decisão acertada, eram algumas centenas de índios, revoltados, armados de arcos, flechas, paus etc...

Em cada aldeia por onde passávamos aumentava o número de índios, o relato da agressão sofrida pelos parentes aumentava o clima de revolta.

No dia 28.08.93 o grupo já tinha mais de 500 homens, as lideranças decidiram então criar 04 grupos menores. Fiquei num grupo com aproximadamente 150 índios. A caminhada na mata, e a visão que o grupo teve da total devastação de suas terras gerava maior indignação. A apenas 1 Km da aldeia de onde saímos já encontramos picadas abertas, lotes demarcados, tocos de arvores abatidas etc...

O grupo de índios foi comandado pelos caciques que adotavam a seguinte estratégia de ação: As casas dos invasores eram cercadas, os moradores dominados e posteriormente tudo era destruído. Neste grupo os índios destruíram 80 casas, apreenderam 119 armas de fogo como espingardas, revólveres e até uma pistola Berreta. Foram presas 06 motosserras e um Teodolito utilizado para fazer a demarcação dos lotes dos invasores.

A ação dos índios era rápida, conhecedores da mata tinham maior facilidade de se movimentarem, apesar de tentar acompanhá-los ficava sempre para trás, e sempre que chegava numa invasão os invasores já estavam dominados e as casas destruídas.

Esperar-se que numa ação como esta reunindo mais de 500 homens com uma revolta histórica em seu interior, redunde em um mar de rosas é pura ignorância. Assim como o é acreditar que 01 servidor poderia controlar alguns excessos que de fato foram cometidos.

Posso afirmar entretanto que, caso estivessem somente os índios sobrariam apenas as mulheres e crianças para contar a história.

A situação de maior tensão ocorreu quando nos aproximamos do povoado chamado " Vila Nicodemos " onde haviam cerca de 50 casas. Juntaram-se então 3 grupos de índios chegando a um total aproximado de 400 homens. Ao se aproximarem pelo lado oposto, os índios notaram que os moradores estavam de tocaia, fortemente armados e prontos a reagir com balas, eram comandados por um tal de Jaime , outro conhecido como Davi e um tal de Raimundinho.

O tal de Jaime era comerciante no local, quanto aos outros dois já eram conhecidos dos índios como pistoleiros contratados por Nicodemos e os Irmão Galleti.

Numa rápida avaliação percebi que, apesar de armados os invasores eram minoria ante os índios e a posição de resistência estava gerando um clima de revolta junto aos guerreiros. Caso não se tomasse uma medida imediata os índios atacariam com força total não poupando ninguém.

Me propus a negociar e tentar mediar uma saída para o impasse, sai da mata e avancei para o centro do povoado sózinho e desarmado numa demonstração clara de que buscava evitar o pior. Expliquei aos invasores que não havia como resistir e seria melhor para eles abandonarem a área indígena. Seu Jaime concordou em sair imediatamente desde que não fosse agredido e seus bens destruídos. Me comprometi que assim seria. Davi e Raimundinho resistiram insuflando os outros a não saírem, a tensão aumentou, e tentei convencer os caciques a aceitarem dar um prazo até o outro dia para que fosse desocupada a área, na ocasião os índios aceitaram e voltamos para a mata.

Durante a noite os líderes realizaram uma grande reunião, onde foi discutida minha intervenção junto ao povoado. Os índios mostraram claramente seu descontentamento com minha atitude mediadora, pois já conheciam Davi como pistoleiro e por várias vezes foram por ele ameaçados, recentemente o dito Davi havia disparado um tiro contra uma índia Timbira do Araçatiwa. Os ânimos voltaram a se exaltar e queriam os índios atacar o povoado a noite e destruir tudo.

Durante a noite acredito que muitos invasores aproveitaram para sair levando alguns pertences, pela manhã esgotado o prazo os índios destruíram várias casas, prosseguiram caminhando para outro local, pela parte da tarde chegaram ao local em que os índios se encontravam Davi e Raimundinho

A ousadia dos dois em retornar deixou os índios enfurecidos, ambos foram dominados e apreendida uma escopeta que Raimundinho tentou esconder na mata. Os ânimos se exaltaram e criou-se um verdadeiro tumulto, mais de 100 índios rodearam Davi passando a interrogá-lo por violências passadas cometidas contra os índios. Nesta confusão ouvi dois disparos, percebendo posteriormente que Davi tinha sido atingido, revoltados os índios queriam matar Raimundinho que na confusão conseguiu fugir pela mata.

Os índios prosseguiram na ação até as 14:00 hs do dia 06.09.93 quando decidiram encerrar e retornar para suas aldeias.

4. CONCLUSÕES FINAIS

A. A Área Indígena Alto Turiaçú, sempre foi, como tantas outras áreas indígenas, um barril de pólvora pronta a explodir a qualquer momento. Uma breve leitura nos arquivos da FUNAI, Polícia Federal demonstra claramente que o conflito recentemente ocorrido encontrava-se implicitamente previsto desde 1989.

B. Os Kaapor, Tembé e Timbira, nestes últimos 4 anos vinham procurando de forma pacífica e ordeira uma solução para as frequentes invasões e dilapidação dos recursos naturais existentes em suas terras. Denunciaram, pediram, clamaram por ajuda e, apesar dos esforços de uns poucos esta ajuda de fato lhes foi negada.

C. Acuados em suas próprias terras, foram humilhados por pistoleiros, tiveram suas mulheres gratuitamente alvejadas. Nascidos em liberdade foram presos. No pouco tempo em que trabalho junto aos índios dentre tantas coisas que com eles aprendi a maior delas foi valorizar a cada dia a liberdade. Prender um indígena é lhe tirar o ar. Privá-lo do sentido de viver.

D. Apesar das possíveis críticas que possam ocorrer quanto a minha presença durante os acontecimentos, continuo reafirmando, caso os índios estivessem sózinhos teríamos vivenciado um verdadeiro massacre. Mesmo estando junto ao grupo e dentro do possível procurando evitar excessos, mesmo assim em algumas ocasiões a situação assumia proporções tais de turbação que era totalmente impossível fazer alguma coisa.

E. O conflito entre índios e posseiros é lamentável, entretanto acredito esteja bastante claro que não é CAUSA e sim CONSEQUÊNCIA. Os verdadeiros responsáveis pelos fatos, pessoas como Nicodemos, Nildo, Irmão Galetti e tantos outros dormem impunes. Assim como os índios, por puro instinto de sobrevivência reagiram para preservar seu território, poderia ter ocorrido o contrário. Esta hipótese inclusive foi ventilada na Imprensa Maranhense, quando se pensava em montar uma milícia armada para invadir o legítimo território dos Tembé, Timbira e Kaapor.

F. Deixo ciênte a Direção da FUNAI e demais autoridades de que venho sendo sistematicamente ameaçado de morte por telefone, as ameaças dirigem-se a mim e minha família. É preciso deixar claro aqueles interessados em meu "desaparecimento", que a disposição dos índios em desintrusar suas terras não é algo de novo e na verdade é um processo natural e irreversível, pois a cada dia que passa os Tembé, Timbira e Kaapor, entendem que sua luta é uma luta pela sobrevivência desta e de outras gerações.

G. Acredito que, caso não houvessem ocorridos fatos que precipitaram os acontecimentos as comunidades envolvidas ainda estariam esperando por ajuda externa. Essa ajuda externa por outro lado, agora é mais urgente do que nunca, outros conflitos podem vir a acontecer, portanto urge que se faça a imediata e total desintrusão da Área Indígena Alto Turiaçú, bem como que a FUNAI adote todas as medidas necessárias para implantar um efetivo sistema de vigilância com a criação de Postos em pontos estratégicos.

H. É preciso ainda que, através das autoridades competentes, sejam definitivamente punidos os verdadeiros responsáveis pelo clima de conflito hoje existente na Área Indígena Alto Turiaçú.

É o que tínhamos a relatar,

Belém, 23 de setembro de 1993

FRANCISCO POTIGUARA TOMAZ FILHO
CHEFE DO PIN CANINDÉ